

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM E UM ENFOQUE SOBRE A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA ESCOLA¹.

Elias do Nascimento Silva²
Sueli Silva da Mota Gonçalves³

RESUMO

Sabemos que a afetividade no ambiente escolar contribui para o processo do ensino e sabemos que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também quando ouvem os alunos ele estabelece uma relação mutua de troca de experiências e vivências, por isso é preciso um ambiente onde se expõe opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais além de desenvolver a afetividade; e deve se discutir a capacidade do aluno, elogiar seu trabalho, reconhecer seu esforço e motivá-lo, são princípios que estimulam e fortalecem as formas cognitivas de ligação afetiva que se externam em aprendizado. Através de algumas experiências vividas com as crianças, percebo o quando são carentes, tanto em diálogo como em carinho. Parto assim para a construção da pesquisa tendo como embasamento teórico as relações de desempenho pedagógico e de afetividade no sentido de perceber a contribuição desses fatores no ensino aprendizagem. Este trabalho foi desenvolvido por meio de levantamento bibliográfico e tendo como aparato a observação na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes no município de Juara, estado de Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Ensino. Aprendizagem. Família.

¹ Pesquisa realizada em maio /2014 na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes em Juara-MT.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2009). Lecionou nos anos de 2001 e 2002 no CEJA José Dias Trabalhou como Técnico Administrativo de 2005 a 2009 na UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) Atualmente é efetivo da Prefeitura Municipal de Juara. Está lotado como Técnico Administrativo Educacional na Creche Maria Malfacini Riva e na Escola Estadual Oscar Soares (bibliotecário) Especialista em Gestão Escolar pela UNICID- teve como defesa monográfica no curso de Pedagogia o tema: "Relação Família e escola na aprendizagem". E-mail; ninffeto@hotmail.com.

³ Acadêmica do 1º semestre do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER e Técnica em Infraestrutura/Apoio Administrativo Educacional na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes em Juara; MT. Email: motajuara@outlook.com.

1-INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais trazem uma perspectiva sobre o Curso de Pedagogia, onde reitera a importância dos acadêmicos estarem aptos a: “IV– reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas; “(BRASIL, 2006, p.2).

Constata-se assim que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (2006) traz uma diretiva psicológica ao futuro docente, porém falha no meu entendimento pois não trata a importância que o futuro pedagogo desenvolva estudos e qualificações em torno da afetividade. E assim é muito comum o tema abordado não ter muita ênfase quando se trata de pesquisas.

No pressuposto de Morgado (1995) ele observa que:

Nesses dias de ascensão tecnológica e globalização que provoca uma busca incessante pela informação somos sabedores que um clima de relacionamento interpessoal pode ajudar e muito e em especial a uma situação de pertencimento tanto na família como na escola e a afetividade vem a ser um instrumento em via de fato que tem contribuído e muito nesse processo

A família enquanto discussão de em torno do afeto é ainda um referencial aos educadores e debatedores do tema pois segundo estes o que a criança reflete no ambiente escolar é resultado das interações que há em casa. Mas infelizmente em alguns casos alguns responsáveis pela criança relegam todo o papel deles a escola e assim há uma infusão de problemas culturais e comportamentais.

Cabendo a escola repassar sozinha, os princípios, valores, e principalmente afeto vai se formando aos poucos uma bola de neve. Pois esse quadro lamentável de indiferença provoca sérias consequências que barram a evolução cognitiva e uma das causas disso é a falta de afetividade. E isso pode se estender além da infância e da adolescência dependendo e muito da base de autoestima do indivíduo para não se tornar um adulto frustrado.

Esse tema abordado vem sendo muito discutido em nossa sociedade, e no meio educacional onde teóricos e professores comentam sobre a carência afetiva de seus alunos. Sabe-se assim que a afetividade é importante na aprendizagem, que a mesma depende da relação entre professor e aluno. O

professor deve conhecer bem seus alunos, para poder ter uma relação amistosa com eles, e assim poderá realizar melhor o seu trabalho, com mais entusiasmo e dedicação.

Cada aluno tem um histórico de vida, de família, sociedade, seus desejos e problemas que estão passando para alcançá-los, e para o professor saber lidar com no mínimo 20 vidas em sala de aula diferentes, é uma carga grande. Muitas vezes a solução de um problema enfrentado em sala, é apenas a falta de um elogio, para que assim a criança se empenhe no que faz, e com o elogio queria fazer sempre melhor, ou seja, o afeto pode servir de motivação para o aluno.

Assim se evidencia que é o professor o interlocutor entre os alunos e os elementos de conhecimento, que tem que organizar e oportunizar situações para que recursos e competências afetivas, emocionais, sociais e cognitivas sejam articuladas.

É preciso rever as reações e atitudes daqueles alunos que recebem diariamente afeto, tanto na escola quando em casa, e daquele que não tem tempo para tais sentimentos, pois estes por muitas vezes parecer que não tem muito significado, contribui para a resolução de uma serie de problemas, tendo uma delas como exemplo as indisciplinas escolares.

As dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico têm sido tratadas, ao longo da história da psicologia como ciência, de forma separada, correspondendo a diferentes tradições dentro dessa disciplina. Atualmente, no entanto, percebe-se uma tendência de reunião desses dois aspectos, numa tentativa de recomposição do ser psicológico completo. (LA TAILLE, 1951, p. 75).

O que o professor precisa muitas vezes em sala de aula para se trabalhar cada vez mais uma aula agradável e proveitosa, é mudar suas atitudes n que não esta obtendo resultados, um bom diálogo ao invés de um grito, um carinho, uma motivação para assim conseguir fisgar a atenção da criança, mesmo sabendo que existem alunos difíceis de lidar, e mais difícil ainda para o professor por atender vários ao mesmo tempo. “Não há mudança sem o sofrimento da transição, do próprio esforço implicado que exige, muitas vezes, renúncia, disciplina, dedicação”. (HOFFMANN, 2010, p.29).

02- A AFETIVIDADE ENQUANTO FIO CONDUTOR DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E OS SEUS BENEFÍCIOS.

Cabe a escola novamente enquanto formadora de opinião criar meios que este mesmo indivíduo se auto-respeite. E essa inversão de problemas vem fazendo com que a escola sofra conseqüências e na ausência da família deixa de lado suas funções primordiais e além de educar tem que reconsiderar seu currículo quanto a aspectos cognitivos, afetivos e físicos.

Quando a escola, o pai e a mãe usam a mesma linguagem e tem valores semelhantes, os dois principais contextos da criança, a família e a escola, demonstram uma segurança e coerência extremamente favorável ao seu desenvolvimento e quando os pais não concordam com a postura da escola, é diretamente com ela que devem resolver as discrepâncias.

Se a criança se apropria do conteúdo da experiência humana, significa que ela vai interagir com outras crianças ou até mesmo adultos para poder aprender e ter um convívio social. A medida que a criança vai se desenvolvendo ela melhora sua forma de lidar com o meio em que vive, dando sentido as experiências vividas com segurança e aprendendo atribui um imenso poder ao ambiente no desenvolvimento.

Na visão ambientalista, a aprendizagem pode ser entendida como o processo pelo qual o comportamento é modificado como resultado da experiência. Como foi visto acima para se aprender necessita-se do meio e a experiência vivida, mas será que se este meio for rodeado por agressividade e falta de afeto e amor, a criança realmente vai conseguir fazer o pensamento surgir e com ele o aprendizado? Sobre o pensamento Ruben Alves *apud* Saltini (2002, p. 15) diz: “O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor”.

Partindo da idéia de que o pensamento nasce de um ato de amor, não podemos desconsiderar a afetividade na relação entre professor e aluno, pois esta relação que influencia na aprendizagem faz-nos perceber que: quando há afeto a criança se sente segura e o pensamento flui, a criatividade acontece; quando não há afeto a insegurança toma conta, inibe a criança, atrapalhando o processo ensino-aprendizagem.

O professor na realização do seu trabalho deve ser afetuoso. Ele necessita desse mecanismo, para um melhor relacionamento com seus alunos e, para que os mesmos sintam-se seguros. Freire em seu livro pedagogia da autonomia fala que o professor deve querer bem seus educandos, não necessariamente de maneira igual, diz ainda que a afetividade não o assusta.

A cada dia que passa a tecnologia está mais avançada. As pessoas cada vez mais trocam de celular, computadores, carros a todo instante, devido às novidades tecnológicas. Com esse desenvolvimento tecnológico, muitos pensam que a máquina pode chegar a substituir o professor no processo ensino-aprendizagem. Realmente ela é de grande valia na construção desse processo, mas segundo Chalita (2001, p.164) por mais evoluída que seja a tecnologia, a máquina jamais substituirá o professor, pois a mesma não consegue dar afeto e passar emoção ao educando, pois isso é privilégio humano.

Está claro que a máquina não substituirá o professor, mas será que por isso ele não deve ficar preocupado? E assim ministrar suas aulas de qualquer jeito, impondo aos alunos, sem se preocupar com que os mesmos pensam, sem conhecê-los e sem levar em consideração seus conhecimentos? É obvio que não, o professor deve sim se preocupar com seus alunos e temos essa afirmação com Chalita que diz que o professor deve conhecer não só a matéria que ministra, mas, as outras também e principalmente conhecer o aluno. E para ele “[...] tudo que diz respeito ao aluno, deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado! E o professor é capaz de fazer isso”. (CHALITA, 2001, p. 165).

Todo professor deve conhecer seu aluno, pois ao conhecê-lo, tem condições de entender melhor o seu universo, e assim poderá amá-lo, respeitá-lo na sua individualidade e dar a atenção necessária nas respostas das suas dúvidas e anseios.

Os educadores analisam a carência afetiva dos alunos, pais dizem ter dificuldades no relacionamento com os filhos, filhos reclamam da falta de atenção dos pais. O professor deve ter uma relação afetiva com seus alunos,

deve escutá-lo, tratá-lo bem, independente de qual seja a religião, etnia ou classe social

E se há uma relação mútua há um clima facilitador para que a aprendizagem transcorra com mais facilidade. A atenção e o cuidado que são relacionados à afetividade segundo psicopedagogos são formas de expressão importantes e assim se apresentam como formas cognitivas de ligação afetiva

Somos movidos pelas emoções, um gesto mal entendido, uma palavra desagradável, já é o suficiente para nos desmotivar a qualquer coisa, com as crianças então, principalmente, pois são os que ainda estão se formando o seu psicológico, um ato agressivo, autoritário do professor pode desmotivar a criança o resto do ano, e o professor pode até passar a ser o pior professor que já teve aí se vê a o valor da afetividade diante de uma sala na educação infantil.

No cultivo acidental dos aspectos afetivos é preciso levar em conta a personalidade do educador, o método de aprendizagem e a situação que serve de base ao ensino. Um professor, que não expresse em seus comportamentos as atitudes que deseja formar nos alunos, não poderá esperar alcançar os objetivos visados. (CAMPOS, 2011, p.70).

A atenção do educador é imprescindível para o sucesso da sua aprendizagem. Acredita-se que para essa didática ser bem sucedida deve dar credibilidade as opiniões, sugestões, observar, e dar acesso à participação do aluno. As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente (ALMEIDA, 1999).

O processo de ensino já e por sim carregado de sentimentos e a afetividade e a que mais se destaca quando numa interação social bem sucedida. Pois se há um vínculo entre professor e aluno se faz necessário uma base afetiva sólida. Denominamos essas experiências como relações interpessoais e podem ocorrer também pela da mediação pedagógica.

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 47 e 52).

Através da formação continuada que é organizada pela instituição escolar somos orientados enquanto educadores a manter o contato corporal como forma de carinho e também fomentar o elogio, o reconhecimento e a reflexão. Constata-se no cotidiano que os pressupostos básicos na busca do conhecimento têm uma ligação intrínseca com a ativação de relações afetivas na sala de aula, por isso é importante uma dinâmica reforçada, feita e dialogada em equipe. Pois reiteramos que a socialização é a ponte para que esses conceitos sejam bem-sucedidos Pelo pressuposto de Saltini:

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdo e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (2002, p.15).

Dar autonomia aos alunos e sem dúvida transferir motivações e responsabilidades os podem tornar mais seguros e críticos, pois o papel da escola não é condicionar o aluno e sim dar formas para que ele desenvolva seu papel no espaço social e cultural nas situações de vivências.

Piaget acreditava que os aspectos cognitivos e afetivos são interdependentes e conclui que a ação leva a motivação e que a motivação leva a ação, e assim a ação depende de estruturas cognitivas e a motivação depende das ligações anteriores vinda de sentimentos positivos ou negativos. As emoções independentemente do meio em que o homem esteja ou mais evoluída e tecnológica sempre fará parte das relações sociais e em especial a afetividade.

Na escola verificamos que o aprendizado está envolvido por inúmeros sentimentos, como medo, ansiedade, curiosidade, insegurança, alegria, satisfação, realização, etc. O aluno precisa estar preparado para usufruir estas emoções. Pois é diante destas que apresentará resultados no seu desenvolvimento psicológico, social e biológico, por conseguinte.

Cabe a escola o envolvimento das famílias e a conscientização das mesmas no acompanhamento dos discentes nas realizações de suas atividades escolares, como também, a agilizar o envolvimento dos mesmos na comunidade escolar.

No cotidiano escolar professores e alunos não se vêem, não se conhecem, forma-se pessoas sem vínculos afetivos com aqueles que convivem

então porque não rever essa metodologia. Ser conhecedor desse papel fará da escola uma entidade transformadora de toda nação na formação de cidadãos comprometidos com a sociedade, críticos, reflexivos, autônomos e atuantes. Planejar e atuar com mais afetividade dará aos educadores instrumentos para mediar suas aulas no intuito de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando retomamos e refletimos acerca do processo social da aprendizagem, atenção acerca das interações nesse mesmo processo cria-se uma reflexão do que pode influenciar a mediação pedagógica. A postura do educador diante da expressão de suas atitudes e valores acarreta sim no comportamento do aluno e então as atitudes afetivas terão um efeito nesse processo, e assim a escola por si já possui várias significações e símbolos.

Seu principal signo é de transformar o seu publico em sujeitos adequados para o convívio social, porém nessa sociedade conflituosa às vezes é difícil atingir essa meta. As teorias acerca da educação estão abarrotadas de práticas e didáticas para o sucesso desta, porém ali na labuta e no seu exercício dela nos deparamos com a realidade e vemos que há muitos vieses humanos difíceis de serem trabalhados e a afetividade é um meio de superar vários desafios.

Por muito tempo o conhecimento foi tido como algo independente da emoção e essa separação entre “razão” e “emoção” perdurou por longas eras e foi muito defendida por filósofos de relevância imensa. Essa separação influenciou fortemente toda a nossa maneira de organização social e também nossa forma de refletir e pensar sobre os mais diferentes aspectos da convivência humana, inclusive a educação.

É necessário que a educação brasileira atente mais para as questões acerca das relações afetivas e que assim educadores, pais e alunos precisam

compreendam melhor o papel da afetividade na escola para que esta de fato atinja seus objetivos em principal a formação de seres humanos.

A afetividade é importantíssima para o aprendizado, pois o afeto é considerado a energia necessária para que o cognitivo possa operar, e assim a criança consiga aprender. A criança precisa de afeto, precisa se sentir amada, numa relação de pertencimento ela se sentirá segura na realização de suas ações. Na escola não é diferente, mas para que isso aconteça é necessário que haja interação entre professor e aluno.

Nessa relação mútua os alunos poderão se conhecer melhor, conhecer o objeto de estudo, bem como as pessoas que os cercam, tendo assim, um desenvolvimento satisfatório, aprendendo com maior facilidade. Percebe-se como foi visto que o aluno precisa sim de afeto e de uma relação boa com seu professor, só assim terá vontade de aprender.

Respeitar a opinião do aluno é fundamental, isso significa que o educador tem que entender que não deve entregar aos educandos conteúdos prontos e acabados dentro do que denominamos *educação bancária*, mas levá-los a pesquisar, tirar suas próprias conclusões, transformá-los em seres críticos e pensantes.

O afeto, o carinho, o amor, um olhar de atenção, ajuda e muito a criança em seu processo de construção e aprendizagem acerca da questão de pertencimento e socialização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus. 1999

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em**

Pedagogia, Licenciatura. Brasília, 2006 CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**, por Dinah Martins de Souza Campos. 39. Ed. – Petrópolis, Vozes, 2011.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 5. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

FERNANDÉZ A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch: **Avaliar, respeitar primeiro, educar depois** / Jussara Maria Lerch Hoffmann. – Porto Alegre: Mediação, 2010. (2.ed. atual. Ortog.) 184p.

LA TAILLE, Yves de, 1951 – **Piajet, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão** / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo : Summus, 1992.

MORGADO, Maria Aparecida. **Da Sedução na Relação Pedagógica – professor aluno no embate com efeitos inconsciente**. São Paulo: Plexus, 1995.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro, p 21-68 ed 24, Forense Universitária, 2001

SALTINI, Cláudio. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro. RJ. Editora DPA, 2002.